

Depoimentos à meia luz: a *Janela da Alma* ou um breve tratado sobre a miopia

Maria Cristina Ribas

– Para mim os espelhos são diferentes, felizmente, pois assim não me afogo como o infeliz Narciso...

*Eugen Bacar*¹

“But was Narcissus beautiful?” said the pool.
“Who should know that better than you?” answered the Oreads.
“Us did he ever pass by, but you sought for, and would lie on your banks and looked down at me, in the mirror his own beauty.”
And the pool answered, “But I loved Narcissus because, as he lay on my banks and looked down at me, in the mirror of his eyes I saw ever my own beauty mirrored.”

*Oscar Wilde*²

Porque estamos certos de que a visão depende de nós e se origina em nossos olhos, expondo nosso interior ao exterior, falamos em janelas da alma./.../Porém, porque estamos igualmente certos de que a visão se origina lá nas coisas, delas depende, nascendo do “teatro do mundo”, as janelas da alma são também espelhos do mundo.

*Marilena Chaui*³

No dia 9 de setembro de 2002 tivemos a oportunidade de assistir a uma preciosidade.⁴ O filme *Janela da Alma*, de João Jardim e Walter Carvalho – um dos grandes fotógrafos da atualidade – que declarou, “ao vivo e a cores”, o seu desejo de fazer um documentário sobre a miopia. E a descoberta de que havia feito um filme sobre o *Olhar*.

Conforme relatou Walter Carvalho, ao pensar no roteiro a pergunta inicial era: que tipo de personalidade os entrevistados – escritores, cineastas, fotógrafos – tinham formado na vida, a partir dessa *miopia*, dessa necessidade de enxer-

gar com óculos? Mobilizado por esta curiosidade inicial, juntamente com a sua própria experiência “miope”, voltou-se para fazer um ensaio – não sobre a cegueira, mas sobre a capacidade de enxergar *com* a miopia, com as possibilidades enriquecedoras de uma modalidade tida habitualmente como obstáculo. Ou como entendemos: pelos depoimentos, a surpresa é perceber que a deficiência tem sido vivida como *eficiência* por muitas pessoas que teoricamente precisam dos olhos para criar. E, quando referimo-nos a estes “muitos”, falamos de figuras emblemáticas no contexto artístico-cultural dessa mesma sociedade, num tempo-espaço compartilhado por nós próprios, espectadores anônimos.

A surpresa é ainda maior em se tratando de membros de uma sociedade – a nossa – imersa na utopia realista – leia-se segurança ilusória obtida com a captação e a imitação do real *verdadeiro* –, e que por isso precisa se afirmar a todo instante através de imagens captadas pelo órgão da visão. Neste contexto, é no mínimo curioso ir ao filme e constatar que muitos vivem, declaradamente, no avesso dessa verdade.

A experiência da realidade assumida pelo avesso é uma vivência – e uma necessidade – já incorporada pela arte contemporânea. Conforme nos lembra Karl Erik, “hoje se evidencia uma nova evocação de realidade nas tendências expressivas da literatura e das artes, que procuram criar efeitos de realidade na transgressão dos limites representativos do realismo histórico.”⁵ Mas a atitude transgressora não é de agora. Podemos lembrar aqui, pelo menos duas ricas “evidências” já pontuadas na produção literária oitocentista: basta voltarmos os olhos para o *defunto autor* Brás Cubas, de Machado de Assis, que inscreve as memórias no espaço da ficção e as aloca numa narrativa *post-mortem* nada fantasmagórica, mas bastante vital; outro exemplo nos é dado por Carlinda Nunez, ao analisar o romance *À Rebours* (1884), de Huysmans. O ensaio de Carlinda:

(...) coloca em evidência os estatutos de um mundo que, a tal mirada decadente, rejeita a objetividade, a linearidade e a frontalidade dos processos comunicativos. Em lugar destes, quer os espaços recônditos, os jogos especulares e os caminhos entrecortados, a partir dos quais a realidade se infiltra e deflui, às avessas.⁶

Uma realidade que se constrói às avessas remodela os “protocolos” de captação do real, o que se estende ao olho do leitor/espectador o qual, por sua vez, deixa de passivamente assisti-la para reconectá-la a si de forma simétrica ou espelhada. A gênese da percepção assim constituída é uma reação em cadeia que implode a crença em um modo de ver absoluto.

Inverossímil a crença teimosa de que para viver é preciso enxergar tudo como é, sem sequer desconfiar que o sentido pode sempre variar com relação ao que eu reconheço como verdadeiro. Que até a memória é inventada. Que o testemunho é uma artimanha de narrador. Que a rigor eu escrevo alter-biografia. No entanto, é preciso viver não é preciso – o que agora se entende a navegar.

No filme, as entrevistas, mais sedutoras algumas que outras, convidam-nos a compartilhar experiências, a ouvir as falas e os silêncios dos relatos, de forma avessa aos protocolos de leitura, ou seja, à “determinação implícita da autoridade do autor a propósito da maneira adequada de ler”.⁷

Gerd Bornheim, um dos primeiros a serem ouvidos durante as filmagens, não está *presente* no filme. A declaração foi feita pelo próprio Walter Carvalho que, ao mencionar o nome do filósofo, solicitou uma silenciosa homenagem pelo seu falecimento, ocorrido três dias antes deste evento.

Reiteramos aqui a celebração e dizemos que Bornheim integra, com o seu olhar, o substrato invisível do documentário, aquele que precisa ser tateado e que os míopes, apertando os olhos, conseguem visualizar. Presença-ausente, para quem o conhece ele representa, no silêncio, olhares que se metamorfoseiam. Estas múltiplas formas de ver são consideradas a partir da convicção de que “a visão humana não se deixa elucidar apenas em nível fisiológico, e sequer no psicológico.” E adiante conclui: a questão do olhar é retomada pela filosofia contemporânea, mas o cenário de fundo está tanto na crítica da verdade entendida como adequação, quanto na implosão de valores metafísicos. Assim, na contemporaneidade, a reflexão sobre o olhar “busca desembaraçar-se dos entraves metafísicos a fim de alcançar o seu estatuto mundano.”⁸

– Olhar dentro da lente? Que vista rica, tô vendo ocês de uma vez só!
(Hermeto Pascoal)

– Nunca me esqueci da visão que tive da coroa do Camarote Real, no Teatro em Lisboa. De longe, uma maravilha. Quando olhei por debaixo, repleta de sujeira, teias de aranha... e logo aprendi: Para conhecer as coisas, há que dar-lhes a volta.
(Saramago)

Óculos talvez sejam o instrumento divino que estende a visão do indivíduo agraciado para os espaços em que sua visão parece não alcançar. Entretanto, analogamente à divindade,

os óculos, ao mesmo tempo em que brindam o seu usuário com a extensão dos limites individuais, os pune mediante a obrigatoriedade – ou adoração – de sua presença falsamente transparente. Estarei eu circunscrito a anteparos de vidro ou acrílico? Não posso, por mim, decidir não?ver? o que está a meu lado? Enxergar é uma condenação ou uma graça?

– Descobri com óculos que as árvores eram múltiplas e cheias de folhas e não uma massa.

(Antonio Cícero)

– Eu preciso de enquadramento. Sem óculos I see too much. Prefiro ver enquadrado.

(Win Wenders)

– Moças na cama me pediam para tirar os óculos. Eu as achava umas degeneradas.

(João Ubaldo)

Se, na contemporaneidade, a reflexão sobre o olhar tem buscado desapegar-se do metafísico para captar o mundano; se, à maneira da poesia, a palavra tem instigado a proliferação de imagens; se há uma tendência artística a conceituar “obra” como “instalação”, percebemos que a nossa época instala-se sob o signo de aceleração, efemeridade, excesso, individualismo e imperdoável visibilidade.

A miopia pode não ser entendida como deficiência? E a cegueira visual? E a visão integral também não seria uma espécie de cegueira ao contrário? Recordo que certa vez a oculista descreveu meu cristalino – cinco graus de astigmatismo – com uma *sutil* analogia: imagine, disse ela, uma tampa de panela sem o puxador. É o seu cristalino. Agora peça para que o Mike Tyson dê-lhe um daqueles socos fenomenais. Pronto. Assim é o seu olho.

– Comecei a sentir problema de visão no cinema, não na realidade.

(Walter Lima Jr.)

– Eu não sinto falta da visão porque eu não sei como ninguém me vê... Viagem de ônibus ...a gente desenvolve bem a visão interior.

(Hermeto Pascoal)

Qual é a imagem real? Qual o real valor da imagem empírica? O que faz enxergar são os olhos ou a consciência? A inconsciência teria seu próprio olho? O que impede a visão? O

que alegre o olhar? O que eu não? vejo?

– Fiz-me a pergunta: e se fôssemos todos cegos? E no momento seguinte eu logo me respondi que estávamos mesmo todos cegos da razão. Tem explicação, mas não tem justificação.

(Saramago)

Manuel Bandeira declara, em seu poema *Infância*, que “meus olhos não conseguem romper os ruços definitivos do tempo...”⁹ Sua entrevisão assim lhe constitui um observatório privilegiado, uma obliquidade de ponto de vista na qual ele conscientemente se instala. E usufrui. O sujeito assim constituído é tão míope quanto o personagem das reminiscências que evoca neste poema. Míope, porque sua própria visão não tem nitidez diante da distância, condição analógica à lente opaca do observador que “tudo” enxerga. A miopia do sujeito rende sentido ao poeta, pois exige outro tipo de lente, outro procedimento, novo posto de observação – que não apenas revelar algo já existente, não meramente ser caixa de ressonâncias das expectativas próprias e alheias. A voz de Drummond também ecoa insistentemente no meio do caminho em que havia uma pedra: “Nunca me esquecerei deste acontecimento/ na vida de minhas retinas tão fatigadas”.¹⁰ A declaração do poeta parece sugerir que os olhos também se cansam... de vi-ver. E enxergar pode impedir a procura da poesia, porque é imperioso aproximar-se das palavras por outras vias: “Chega mais perto e contempla as palavras./ Cada uma/ tem mil faces secretas sob a face neutra/ e te pergunta, sem interesse pela resposta/ pobre ou terrível, que lhe deres: /Trouxeste a chave?”.¹¹

– O primitivo manda na minha alma. Não entra pelo olho. O olho vê, a lembrança revê. O poeta transfigura o real e isso é o mais importante ...acho que eu não disse o que vocês queriam ouvir... ah ah ah.

(Manoel de Barros)

Ver é recriar sensações a partir de vivências possíveis, estimular em si uma individualidade aberta à identificação alheia. Escrever muito e rasurar tudo. Escrever sempre de novo. Jogar tudo fora e saber fazer um convite. Saber contrariar. Seduzir. Ludibriar. Saber, saber e não saber...me achar e me perder.

– Sei o caminho porque faço o mapa na cabeça, me ligo em outros referenciais, tenho desenhos na idéia. Eu sonho com imagens.

(Arnaldo Godoy)

A fundação de um observatório privilegiado advém do afã de olhar, narrar até inventar a memória, os fatos, o que enxergamos, o que elegemos não apenas como visível, mas *visibilizável* – o encontro do visível com o palatável, aquilo que vale a pena ser revisto.¹² Faz parte do prazer do poeta inventar a própria memória; tanto quanto é deleite do narrador forjar o testemunho, calcar a credibilidade alheia no produto dos seus olhos míopes.

Quando Walter Carvalho focalizou, em sua lente de fotógrafo¹³, personalidades célebres no mundo artístico contemporâneo, todas com alguma forte deficiência visual, ele foi tecendo e destecendo uma rede de *entrevistas* – curiosa palavra para quem de fato tem a vista *entre* –. À maneira de Penélope, foi-se abrindo um caminho para as questões da alma, aquelas que envolvem olhar e olho a partir de uma habilidade e uma convicção de que o seu casamento – diretor – com o viajante – público – não se deveria romper.

– The eyes are the windows of the soul, o que vemos é mudado pelas nossas emoções...desespero, conhecimento, eu não posso ver, mas posso ver, vejo com os olhos da mente. [nas mãos traz um ímã]
(Oliver Sacks)

Uma tessitura de relatos e reflexões sob o crivo do testemunho vivo, todos alinhavados pela função de enxergar. E esta, por sua vez, tranqüilamente inserida na complexa produção de imagens no mundo contemporâneo. Talvez a própria proliferação de imagens cause cegueira por serem estas, muitas vezes, uma inveracidade. Neste sentido o filme, então, aponta para a inutilidade de se ver... com o olho apenas. E, se lermos pelo avesso, sugere a utilidade de não se ver.

– A realidade não existe, cada experiência de olhar é um limite.
(Saramago)

As chamadas entrevistas são, no filme, perfeitamente encadeadas; vão constituindo uma ordem que escapa à clássica sucessividade, mas não recaem numa desconstrução radical. O jogo é mais sutil. Os textos das falas não são mera legenda ou tradução do som e da imagem, nem estes constituem efeitos especiais de sonoplastia e cenário para apenas ilustrar os depoimentos. A aparente (des)conexão entre tais modalidades discursivas implodem as expectativas do público, impõe desconcerto no lugar da previsibilidade.

Também me pergunto: de que maneira um filme de entrevistas não? é? um documentário? Ou ainda até quando um documentário não? é? um diálogo de textos mais-que-realistas

somente porque testemunham vivências relatadas e por isso mesmo cheias de artimanhas e habilidades. Não posso esquecer que quanto mais me aproximo da imagem, quanto mais meu olho-lente cola-se a ela, mais distorcida ela se torna. Mais dissociada do seu contexto. Mais reduzida a uma dimensão. Do mesmo modo que a certeza de enxergar a realidade tal qual ela é, a obsessão pelo invisível também me cega.

– Você nunca se descobre pensando fora de foco. Eu não me penso fora de foco. O mundo é que está ou eu que estaria? Nunca pude olhar muito de perto no espelho. Quando tentava, batia no espelho.
(Carmella Gross)

A obstinada procura por ver melhor e ver mais pode reduzir o alcance ao impacto do anteparo. O que amplia a visão é também o que a impede. Expandir-se é ao mesmo tempo enfrentar o próprio limite. Neste rico viés os depoimentos ora se sucedem, ora se intercalam; ouvimos o som de algumas vozes. Os barulhos e as palavras, repetimos, por várias vezes não se traduzem, não se *legendam* reciprocamente. A correspondência entre som e imagem não é decodificável apenas pela visão, mas submete o espectador à experiência de ver por outros sentidos, a vivenciar a sinestesia mais próxima do míope, do cego, do ler em *braille*: tatear objetos e articular respostas.

– As pessoas não sabem mais ver...vive-se uma cegueira generalizada. Não vejo imagens, faço imagens. Fotografo a mortalidade das mulheres. Não se deve usar a língua dos outros, o olhar dos outros, senão existimos através dos outros. Enxergo com um terceiro olho. [mostra um espelhinho embaixo do casaco]
(Eugen Bacar)

As estratégias são diversas. O filme vai além da simples edição de entrevistas. Desvinculam-se, conforme dissemos, som e imagem, palavra e testemunho, texto e efeito. Soma-se a eles a presença da bela composição de José Miguel Wisnick que, se por um lado costura os espaços entre as imagens sem esgotar os vazios tão úteis ao seu leitor, por outro instaura, na melodia, as necessárias pausas para respiração... Enfim, música para ser sentida – mais que meramente ouvida –, ela garante o equilíbrio entre envolvimento e distância do olhar do espectador durante a sessão, entre humor e sentimento trágico, entre livre-arbítrio e fatalidade.

– Nossa imaginação completa as palavras. Eu queria ler entre as imagens. A maioria dos filmes é emparedada, não dá espaço para sonhar. (Oliver Sacks)

Mas que estrutura os depoimentos compõem? Por que atraem tanto? Por que para ver, eu preciso sonhar? Por que para criar, eu preciso ver?

– A perfeição da 5ª. Sinfonia de Beethoven ...simples, substantiva, a única coisa que poderia ser, o irreduzível. (Walter Lima Jr.)

São depoimentos, testemunhos, reflexões sobre particularidades do viver. Revelações generosas porque nos convidam a partilhar o que não sabemos, o que ainda não fora revelado.

Sobre entrevistas, Silviano Santiago nos chama a atenção para o fato de que:

(...) existe um novo fenômeno no Brasil que é a imprensa e os meios de comunicação de massa. Começa a existir um diálogo por escrito do autor com o leitor, que não passa pelo livro, mas passa pelas idéias. Esta entrevista, por exemplo. Estou dialogando agora com pessoas que não leram meus livros, mas que passam a ficar a par das minhas idéias. E também as entrevistas que se encontram nos programas de televisão. E aí é mais interessante ainda, porque não passa pela palavra escrita. Então você tem a possibilidade de até mesmo um analfabeto ter acesso a um tipo de idéia mais sofisticada a que ele não teria acesso de maneira nenhuma. Há um elemento novo aí extremamente interessante a ser analisado. O livro é uma ponte para você ser *convidado* a uma entrevista. Tanto é na imprensa escrita, quanto na televisão. *Sem ele você não é convidado, não tem sentido te convidar.*¹⁴

O crítico, poeta e professor nos chama a atenção para um aspecto realmente interessante: de que a entrevista promove difusão e circulação de idéias, mesmo num círculo de espectadores que não são considerados como tal porque não compartilham da mesma prática cultural dos reconhecidos leitores. Do ponto de vista da recepção, portanto, até os analfabetos podem partilhar de informações ditas inacessíveis ouvindo entrevistas – ao que dialogam com o *autor* do livro, tornam-se coniventes às suas idéias.

Neste sentido o livro, para Silviano, é uma “ponte” para alguém ser convidado a uma entrevista tanto na imprensa escrita quanto na televisão, ou seja, permite ao público “atravessar” por entre reflexões e idéias as quais, na maioria

das vezes, não conhece. Lembramos que entrevista é um gênero que alia informação, reflexão e *glamour* – além de propiciar a vivência de vários modelos transferenciais, projeções que configuram as relações interpessoais em seus múltiplos matizes. Em suma: é mais um momento em que a palavra compartilhada traz pensamentos e imagens que ainda não haviam sido ouvidas por um público diverso e passam a sê-lo prazerosamente.

– Ele [Eugen Bacar] fotografa o interior, imagens mentais. Graças à palavra, temos imagem.
(Hanna Schygulla)

De quem são os depoimentos? São pessoas famosas, mas são pessoas. Gente como a gente – é ou sonha ser? –, pessoas falando sobre si. De um lado, o fascínio e a curiosidade do público ouvindo, como confessor ou conhecido, a intimidade ou a filosofia de seus ídolos. De outro, o artista dividindo suas questões com os admiradores. “Mas...será que tudo o que ele escreveu ou disse, tudo o que ele deixou atrás de si, faz parte de sua obra?” Será que o autor existe? É paradoxalmente a palavra escrita que preserva a existência do autor; é a sua produção concreta, o resultado de sua arte, qualquer que seja, que perpetua o autor para o público. Alguém que fez algo consagrado está dando o seu depoimento...e por extensão se consagra. E, ao ouvi-lo, eu também me consagro.

Muitos críticos se perguntaram o que teria levado o cineasta a convidar, dentre outros, Saramago, Manoel de Barros, João Ubaldo, Win Wenders, Eugen Bacar, Walter Lima Jr., Oliver Sacks, Marieta Severo, Antonio Cícero, Paulo César Lopes, Arnaldo Godoy, Marjut Rimminen, Hermeto Paschoal... para colher seus depoimentos sobre o ato de enxergar? Busca de internacionalização? Uma comunidade de eleitos? Figuras emblemáticas da cultura artística? Uma socialização eficaz do defeito? Ou uma paixão narcísica vivida do ponto de vista do espelho d'água?

As tentativas de dissolução da aura mais parecem confirmar a sua presença. Através da ausência. A cruel marca da falta, a sinalização da ausência vai continuar configurando um halo às avessas? Por que minha ânsia em vasculhar? Forjar a personalidade de mitos que, por sua vez, também ajudei a criar.

Há uma intenção declarada... ela é apreensível? E do nosso ponto de vista, do lado de cá das lentes, o que nos convida a ver e ouvir tais depoimentos? Qual

a tessitura que tramam espectador e ouvinte, enfim, qual a partitura que lemos? Que tipo de regência se estabelece neste pacto? Encadeiam-se os olhares do espectador através das lentes do diretor atrás das lentes da câmera filmando...

– O olhar na janela é outro olho na janela e outro olho na janela até o infinito talvez nunca seja na verdade a própria alma...
(Antonio Cícero)

A sutura das entrevistas é harmoniosa, mas sem os nós cegos da “confortável” linearidade, nem a opacidade da desconstrução plena. Escapando também da idéia de síntese, da conciliação de opostos, elas são encaminhadas por um olhar diligente que, analogamente aos entrevistados, não compartilha de nitidez absoluta ao fitar/construir as imagens. Walter demonstra uma consciência plena de diretor, presente e não absoluto, que se *esvazia* momentaneamente da personalidade e, como em um “filme de fotógrafo, não trabalha uma intervenção explícita mantendo um *topos* de modéstia”.¹⁵ A seqüência de depoimentos, palavra dita e imagem, algumas vezes, desconcertam. Desfaz-se a relação de legenda entre ambas as instâncias. As imagens, ao invés de se afirmarem pela nitidez, como que vão se desfocando, diluindo. Até o nascimento. O filme nasce e desemboca na água. Nascente e foz. O eu e seu duplo. O lugar entre o objeto e o seu reflexo.

Reconhecida voz de alguém, em *off*, compõe na tela com a imagem de outro. Foco – absurdamente próximo – na pele, poros e pêlos com barulhos de trovoadas. O prenúncio de tempestade adivinhada nesses trovões promove no espectador uma espécie de tensão pré-catástrofe, que se acirra mediante a estranheza de ouvir trovões e ao mesmo tempo ver a superfície, não da terra, mas da pele de alguém. Barulhos de águas – mar, maré, chuva – e águas sem barulho – líquido amniótico, humor dos olhos – ...

Assim as entrevistas vão compondo, cada parte, um todo dentro de um todo maior. E editadas de modo a formar uma estrutura redonda, apresentando irregularidades em sua superfície, com um espaço oco, vazio, no centro – reduto não preenchido mas preenchível –, e que se dilata e retrai para absorver a luz... como a pupila. Surpreendente pensar que o conjunto de entrevistas oferece-se ao espectador como se formassem um *olho*, valorizado pelas irregularidades de seu cristalino. E que tais irregularidades, contrariamente ao que se prega como deficiência, dão-lhe um elevado grau de *eficiência*, pois favorecem o sujeito a *inventar* a sua memória e a dar conta da velocidade de imagens que andam e se amontoam em sua frente.

– A maioria das imagens que vemos estão fora de contexto... Ter tudo em demasia significa não ter nada. Temos tanta imagem que não prestamos atenção em nada.

(Win Wenders)

O enfrentamento contemporâneo é uma *flanêrie* às avessas. São as imagens que correm, desenfreadas, na frente dos passantes os quais, freqüentemente, se ressentem da congestão de signos que não conseguem significar. Não ver, ou poder escolher o que enxergar talvez configure uma rica possibilidade significativa. Ou uma questão de sobrevivência.

Delineada a estrutura das entrevistas – um eficiente olho míope –, compreendida a obliquidade da visão como lentes ao infinito, ressaltando sempre a dupla possibilidade da janela cuja transparência e opacidade é vista de ambos os lados, é preciso retomar a sedução que as entrevistas exercem, ao fato de funcionarem como ímã, convite a compartilhar idéias e experiências.

– Hoje estamos vivendo de fato na Caverna de Platão. Pessoas olhando em frente, vendo sombras, e acreditando que estão vendo a realidade... Perdidos de nós próprios e na relação com o mundo, não seremos nada.

(Saramago)

A entrevista é, de certa forma, *a escrita de si* de que nos fala Michel Foucault: “atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; / .../ ao trazer à luz os movimentos do pensamento, dissipa a sombra interior onde se tecem as tramas do inimigo.”¹⁶ Assim a entrevista, ao ocupar o lugar de espelho, ao favorecer uma cadeia de auto-remissões, torna-se um convite aberto ao espectador, ao leitor, ao ouvinte porque não é possível tirar tudo de si próprio e, nesta carência quase absoluta, o auxílio dos outros é necessário, para não dizer vital. O reconhecimento não depende exclusivamente do aspecto visual.

A emoção é a pedra de toque que não só sobra no lago da produção artística – como não deixa Narciso morrer afogado. Ele sobrevive, torna-se flor. O lago resiste. Lago, narciso, olhos, corações, flor... quando integrados, todos resistem. Resistem. Resistem.

– Todas as nossas emoções codificam as imagens. Pode haver uma crise nervosa com a separação visão e emoção.

(Oliver Sacks)

– O olhar deprimido e triste da minha mãe olhando para mim isso me afetou sou um fracasso mas I don't wanna be a failure. Mammy, don't go! Eu sofri um paradoxo após uma cirurgia com muito sucesso, meu olho foi corrigido e ninguém notou. O filme também foi um sucesso e acho que ninguém entendeu. Não era um filme sobre a deformidade facial... a verdadeira lesão não era perder um olho, era a lesão interna.

(Marjut Rimminen)

– O filme *Jacquot de Nantes* é sobre Jacques Demy, meu marido. Só tive essa visão tão perto dele porque eu tinha medo de perdê-lo. E ele morreu pouco tempo depois da filmagem. Sua pele, seus pelos, parece que não há distância entre o olho do observador e a pele. Somos parte dele. Só o amor poderia me fazer vê-lo tão perto. Só eu, olhando-o dessa forma, poderia filmá-lo assim.

(Agnes Warda)

A emoção compõe com o olho da razão um acorde peculiar, de timbre inaudível. É possível ser cego e sonhar com imagens. Fotografar, enxergar, compor. Amar. Filmar.

Talvez a captação íntegra do real seja impossível ao menos que paradoxalmente represente a vitória da ficção – porque o autor, ao não (conseguir? querer?) morrer, sai do proscênio e, presença-ausente, deixa em seu lugar um espaço de errância a ser visitado pelo espectador, pelo leitor... Uma saída honrosa para ambas as partes quando pretendem enxergar algo mais na opacidade das cavernas contemporâneas.

Olhar através de uma recém-ou-já-construída janela da alma. E outra. Mais outra. Outra. Que aponta para o que eu não vi, para o que eu não sei. Abri-la até o infinito. Até o presente. Captar a alma. Espelhar(-se) o mundo. Mas... Narciso era belo?

Maria Cristina Ribas
Professora da PUC-Rio

Notas

1. Trecho de depoimento do filme *Janela da Alma*, de Walter Carvalho. Todas as transcrições dos depoimentos aqui presentes – falas com travessões – são resultado de anotações feitas ansiosamente durante a sessão e, vale lembrar, sem luz que não a do próprio filme.
2. WILDE, Oscar. *The disciple*. Poems in Prose. In: _____. *The complete works of Oscar Wilde*. London and Glasgow: Collins, 1984, p. 864.
3. CHAUI, Marilena. “Janela da alma, espelho do mundo.” In: NOVAES, Adauto. Org. *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 33-4.
4. O evento foi iniciativa do Departamento de Comunicação da PUC-Rio.
5. SCHOLLHAMMER, Karl Erik. “Apresentação”. In: BORBA, Maria Antonieta Jordão. *As partes da maçã. – visões prismáticas do real*. Rio de Janeiro: 7letras, 2001, p. 9.
6. NUÑEZ, Carlinda F. Patê. “Em torno, por dentro. Às avessas, Questão de (des)gosto.” In: BORBA, Maria Antonieta Jordão. *As partes da maçã. – visões prismáticas do real*. Rio de Janeiro: 7letras, 2001, p. 53.
7. PÉCORA, Alcir. “O campo das práticas de leitura, segundo Chartier.” In: CHARTIER, Roger. (Org.) *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 12.
8. BORNHEIM, Gerd. “As metamorfoses do olhar”. In: NOVAES, Adauto. (Org.) *O Olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 89 e 91.
9. BANDEIRA, Manuel. Poema *Infância* no livro “Belo Belo”. In: COUTINHO, Afrânio. (Org.) *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Aguilar, 1957, p. 184, vol.I.
10. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 186.
11. Id. *ibid.*, p. 177.
12. RIBAS, Maria Cristina. “*O que eu vejo é o beco.*” *Manuel Bandeira - A poética do entrelugar*. Tese de Doutorado. Banco de Dados da UFRJ, 1997, p. 60.
13. Lembramos que os cineastas contaram com a colaboração do jornalista René Castelo Branco para a montagem das entrevistas.
14. Cultura, crítica e criação – Entrevista de Silvano Santiago para o *Correio Brasiliense*, Caderno Pensar, p. 9 (02-05-2002).
15. As palavras entre aspas foram captadas da fala sensível da profa. Dra. Angeluccia Habert, na Mesa Redonda por ocasião da referida sessão do filme.
16. FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*, cap.2, p. 38. (1993) Rio de Janeiro: Vega, Corsino & Neto, 1988, pp. 130-131.

Resumo

Considerando alguns importantes pontos de vista recolhidos do filme de Walter Carvalho, *Janela da Alma*, este trabalho focaliza, em uma abordagem poética, o ato de ver com olhos míopes buscando construir ficção e realidade, com ênfase na Literatura.

Palavras-chave

Olhar, miopia, deficiência, eficiência, depoimentos, documentário.

Abstract

Considering some important points of view collected from Walter Carvalho's film, *Janela da Alma*, this work focuses, on a poet approach, the act of seeing with myopic eyes, in order to construct fiction and reality with emphasis on literature.

Key-words

Sight, myopia, deficiency, efficiency, statement, documentary.